

# Os registros ubíquos das paisagens: da imagem ao som

Thiago de Andrade Morandi<sup>1</sup>, Flávio Luiz Schiavoni<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestrando no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, PIPAUS. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Campus CTAN - São João del-Rei – MG - Brasil

<sup>2</sup>Professor no Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, PIPAUS. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Campus CTAN - São João del-Rei – MG - Brasil

contato@tmorandi.com.br, fls@ufs.br

***Abstract.** In this text, it is approached in an interdisciplinary way analyzes and possibilities of records of fixed and moving images of landscapes, with emphasis on the sound landscape, by means of ubiquitous mechanical devices (smartphones). Among the subjects discussed are discussions about communication, through the transmission of information and online messages, as well as technological evolution and its interference in social relations and intuition of creative processes.*

***Resumo.** Neste texto é abordado de forma interdisciplinar análises e possibilidades de registros de imagens fixas e em movimento de paisagens, com destaque para a paisagem sonora, por meio de aparelhos mecânicos ubíquos (smartphones). Dentre os assuntos abordados estão discussões sobre comunicação, por meio de transmissão de informações e mensagens online, assim como a evolução tecnológica e sua interferência nas relações sociais e intuição de processos criativos.*

## 1. A ubiquidade do celular e o acesso à informação

Devido ao avanço tecnológico, o acesso e a difusão da informação se tornaram cada vez mais rápidos e difíceis de ser mensurados. Seja devido ao grande número de imagens e informação que circulam na rede, ou pela facilidade de se criar, capturar e difundir tais imagens e informações pelas redes. Estamos na era da Cibercultura, em que a maioria das relações sociais estão no ambiente online e isto está formando um banco de informações sem precedentes, conhecido hoje como *big data*. É também cada vez maior o número de aparelhos que possibilitam o registro de eventos e sua inserção nas redes, com destaque para os aparelhos celulares, que quase que em sua totalidade carregam em si microfones, câmeras de foto e vídeo com boas qualidades.

Estes aparelhos têm permitido trocas de mensagens instantâneas por meio de aplicativos e redes sociais tornando o rápido acesso e difusão de informações extremamente ágeis, sejam elas noticiosas ou não. Um estudo sobre a comunicação móvel, sobretudo o

conteúdo jornalístico para smartphones, é apresentado por (SILVEIRA, 2017), especialmente o formato de narrativa sistêmica no jornalismo ubíquo.

Neste jornalismo onipresente, que se distingue pouco a pouco graças aos múltiplos sensores e telas que nos rodeiam, a informação sai ao encontro dos usuários, poupando o esforço de buscá-la. Por isso é algo mais do que um simples jornalismo móvel. Não se trata apenas de o usuário ter consigo um dispositivo a partir do qual possa consultar periodicamente a informação; na realidade, o jornalismo ubíquo proporciona uma oferta informativa personalizada e ininterrupta, que se mostra sem a necessidade de que cada usuário a solicite, através das telas que sucessivamente aparecem em seu caminho (em casa, no trabalho, num veículo de transporte, em um hotel...). [...] Os últimos avanços no âmbito da ótica e da internet das coisas apontam exatamente nessa direção: tanto o consumo como a produção de conteúdos jornalísticos se realizará num sistema interconectado de dispositivos que permitirá uma comunicação cada vez mais corpórea com a informação – através da voz, dos gestos, do movimento dos olhos ou, quem sabe, pelo poder da mente – (SALAVERRÍA, 2016a, p. 259-260) (SALAVERRÍA, 2016a, p. 259-260. apud SILVEIRA, 2017, p.79-80)

A maior parte das trocas de mensagem ou acesso à informação por meio dos smartphones vêm acompanhadas de áudios e de imagens, sejam elas fixas ou em movimentos. Seja pela facilidade ou até mesmo incentivo social, cada vez mais estamos registrando e gravando tudo o tempo todo, e claro, compartilhando nossos registros e informações em grupos de família, amigos, sites de notícias e redes sociais, por exemplo.

## 2. Os aparelhos mecânicos digitais e os registros de imagens e sons

Noticiosas ou não, as informações acompanhadas de imagem têm maior chance e possibilidades de alcances, e assim como para esta finalidade - de difusão de informações - as imagens também têm sido utilizadas para registro de praticamente tudo: os primeiros passos e as primeiras palavras de uma criança, acidentes de trânsito, brigas, celebrações e tradições culturais, por exemplo. Entre estes registros é importante destacar alguns momentos históricos.

O primeiro deles foi o que, segundo a Revista Times, na publicação “100 Photographs: The Most Influential Images of All Time”, foi apontada como a primeira fotografia feita com um celular no mundo. Esta foto, apresentada na Figura 1, é de 1997. Segundo a Time Magazine, Philippe Kahn, preso no tédio de uma maternidade, conectou um celular em uma câmera digital, sincronizada por uma série de linhas de códigos, escritos em seu laptop, realizou a foto de sua filha recém-nascida, e em seguida a compartilhou de forma instantânea para seus familiares. Rapidamente a imagem foi transmitida para mais de 2 mil pessoas. Kahn logo refinou seu protótipo *ad hoc*<sup>1</sup> e, em 2000, a *Sharp Corporation*<sup>2</sup> usou sua tecnologia para lançar o primeiro celular com câmera integrado comercialmente disponível, no Japão. Os telefones foram introduzidos no mercado norte-americano alguns anos depois e logo se tornaram onipresentes.

---

<sup>1</sup> *ad hoc* são um tipo de rede de transmissão de dados, em que um ponto determinado transmite dados para outros pontos distintos.

<sup>2</sup> Sharp Corporation é uma fabricante japonesa de eletrônicos fundado em 1912.



**Figura 1. Primeira fotografia feita com um celular, em 1997. Foto: Philippe Kahn**



**Figura 2. Aparato mecânico, feito por Philippe Kahn para o primeiro registro de uma imagem por meio de um celular, em 1997.**

O segundo momento, datado de 2014, foi a vez de uma *selfie*<sup>3</sup> entrar em destaque, talvez a mais representativa de todas as *selfies* da atualidade. Durante a premiação do Oscar daquele ano, o ator Bradley Cooper, que segurava o telefone, fez a fotografia junto com Meryl Streep, Brad Pitt, Jennifer Lawrence e Kevin Spacey, entre outros; em seguida a apresentadora daquele ano, Ellen DeGeneres, publicou a foto em seu *Twitter*<sup>4</sup>, e a publicação teve mais 3 milhões de retweets (compartilhamentos feitos no *twitter*). Esta imagem se tornou histórica e importante pelo fato de incentivar o auto registro e o seu compartilhamento nas redes sociais, pois desde a sua divulgação e repercussão, nós somos bombardeados diariamente com milhares de auto retratos.

---

<sup>3</sup> Um autorretrato, ou seja, uma foto feita pela própria pessoa retratada.

<sup>4</sup> A fotografia original pode ser visualizada no Twitter de Ellen DeGeneres. Disponível em: <<https://goo.gl/1NNyg6>>. Acesso em 03 de julho de 2018.



Figura 3. “If only Bradley's arm was longer. Best photo ever”, publicado no Twitter de Ellen Degeneres, em 2014. Foto: Bradley Cooper

Em 2013, o fotógrafo Joel Silva, que na época cobria conflitos na região de Israel e Egito para o Jornal Folha de São Paulo, registrou com celular imagens em movimento<sup>5</sup>, de um destes constantes conflitos na região. Este foi um dos primeiros registros audiovisuais do tipo. No vídeo o som nos faz sentir no lugar do fotógrafo, toda tensão, tiros, respiração forte e etc, uma verdadeira paisagem sonora imersiva.

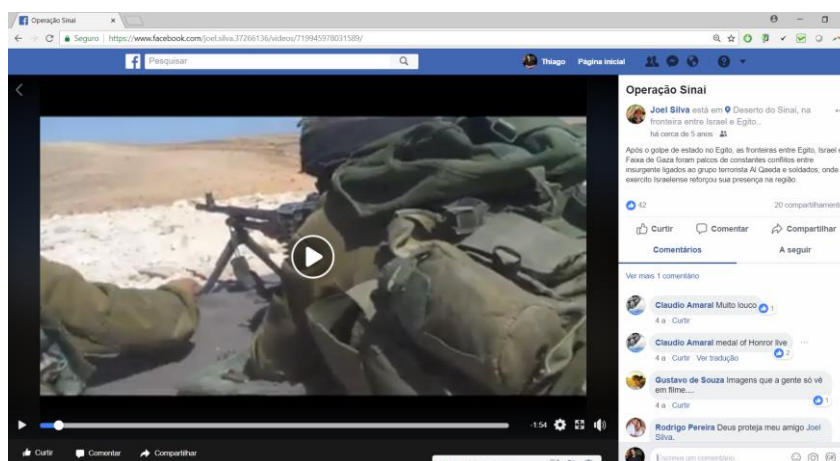


Figura 4. Print da publicação de Joel Silva, no seu perfil do facebook, feita em setembro de 2013 durante uma incursão militar nas proximidades de Egito e Israel.

Estes exemplos históricos trazem registros de imagem e vídeo e servem para ilustrar o avanço tecnológico das últimas duas décadas, com novas possibilidades de captação por meio de câmeras de celulares, cada vez menores com lentes claras<sup>6</sup> e com potentes sensores. Algo em comum a todos estes registros é sua característica audiovisual e sua relação com as **paisagens**, sejam elas urbanas ou naturais. A velocidade da informação não textual que cerca estes registros e sua materialidade visual é um importante fator histórico. No entanto, nos dois primeiros exemplos, a paisagem é apenas visual. Certamente um apreciador do momento tenderá a ficar instigado por outro registro do momento, a **paisagem sonora**.

<sup>5</sup> Segundo o Fotógrafo Joel Silva, parte do vídeo foi feita com um celular e outra com uma câmera DSLR. Disponível em: < <https://goo.gl/HLLRrP>>. Acesso em 28 de junho de 2018. Fotos dos conflitos, incluindo do momento em que foram feitas as imagens em movimento podem ser vistas no Portal Folha de São Paulo, disponível em: < <https://goo.gl/gkiZQu>>. Acesso em 28 de junho de 2018.

<sup>6</sup> Referente ao diafragma de abertura da lente da câmera.

### 3. Os Registros de Paisagens Sonoras - Da imagem para o som

Antes de avançarmos nas possibilidades de registros de imagens de paisagens sonoras, precisamos definir um pouco o que compreende este campo de estudo, a sua relação com a computação ubíqua, e a forma com que tem sido transmitida as informações por meio de aparelhos mecânicos ubíquos.

Para SCHAFER (2001) paisagem sonora corresponde a

(...) qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente. (SCHAFER, 2001, p. 366)

Portanto tudo que está ao nosso redor pode ser considerado uma paisagem sonora, e consequentemente todos os registros que captamos por meio de smartphones que contém áudio. Podemos assim, identificar a paisagem sonora em que tais imagens estão inseridas.

As imagens em movimento, como no caso do fotógrafo Joel Silva, ganham mais significado quando acompanhadas das paisagens sonoras pois certamente a imagem com o som pode causar efeitos de sinestesia no público receptor e um cruzamento de emoções e sentimentos nas pessoas que visualizam e recebem tais registros. O que também podemos identificar como uma forma de estética relacional, um diálogo entre o que foi transmitido e quem assiste, BOURRIAUD (2009) define este termo especificando as relações entre as obras de arte de galeria e seus espectadores, porém pode ser aplicado em outras áreas do conhecimento.

Estes primeiros estudos sobre as paisagens sonoras (*soundscape*) de Schafer, em meados da década de 1970, foi além da percepção destes sons ambientes, possibilitando uma investigação mais profunda, possibilitando com que fossem realizadas composições musicais por meio de captações destes sons. Uma das primeiras obras musicais compostas foi “The Vancouver Soundscape 1973<sup>7</sup>”, realizado por Schafer, em que registrava sons ambientes de Vancouver, no Canadá. Neste caso uma obra musical de pouco mais de sete minutos nos remete este local, se escutarmos estes sons de forma isolada, de olhos fechados, é como se estivéssemos no local, vivenciando a cidade, sentindo o seu ritmo urbano. Afinal

o ambiente contém numerosas séries de ritmos: os que separam o dia da noite, o sol da lua, o verão do inverno. Embora não possam proporcionar pulsações audíveis, esses ritmos têm poderosas implicações para as mudanças da paisagem sonora. Existe um tempo para todas as coisas. (SCHAFER, 2001, p.319)

Em 2014, uma produção audiovisual, de Leonardo Dalessandri chamou a atenção e ganhou destaque. Dalessandri utilizou técnicas variadas de captação de imagens em movimento durante 20 dias de uma viagem feita pela Turquia, em que percorreu mais de 3500 km, passando por seis cidades diferentes. A obra “*Watchtower of Turkey*<sup>8</sup>” é acompanhada de uma variedade de ritmos e paisagens sonoras, o que causa no espectador um misto de sensações. Muitos destes sons presentes no filme, apesar de serem “*soundscape*” são inseridos posteriormente, sejam eles compostos exclusivamente para o

---

<sup>7</sup> A obra “The Vancouver Soundscape 1973”, de Raymond Murray Schafer, criada em 1973 em Vancouver (Canadá). Disponível em: <<https://soundcloud.com/nnealby/r-murray-schafer-entrance-to-the-harbour-the-vancouver-soundscape-1973>>. Acesso em 28 de junho de 2018.

<sup>8</sup> Watchtower of Turkey. Disponível em: <https://goo.gl/JiuJNP>>. Acesso em 28 de junho de 2018.

filme, por meio de técnicas de *folley*<sup>9</sup>, ou inseridas junto com a músicas na ilha de edição, compondo a trilha sonora como um todo.

A composição de uma paisagem sonora permite a criação da trilha sonora para uma imagem ou vídeo que foi captada sem som, permitindo a criação de sons que nem sempre foram gerados pelos objetos registrados visualmente. Muitos destes sons são produzidos por materiais característicos da região geográfica em que são criados. SCHAFFER (2001) os considera como sons fundamentais, pois “são produzidos pelos materiais disponíveis em diferentes localidades geográficas: bambu, pedra, metal ou madeira” (SCHAFFER, 2001, p.93).

Assim, outros exemplos surgem desta técnica e permitem analisarmos como a criação de uma paisagem sonora pode influenciar uma produção audiovisual. O filme criado pela *Red Bull*<sup>10</sup> em 2017 trazia aos espectadores os sons de duas bicicletas, em que os ciclistas desciam uma montanha e era possível ouvir cada um dos sons, sem interferências de ventos ou outros sons ambientes além dos feitos com a bicicleta e seu movimento. O filme foi uma ação de *branded marketing*<sup>11</sup>, feita em dois momentos: o primeiro foi divulgado o filme com imagens dos ciclistas, em que a trilha sonora pareciam ser os sons de suas bicicletas e em um segundo momento divulgaram como foram criados e compostos estes sons.

A criação destas paisagens sonoras, seja como prática musical, seja como complemento a um registro imagético, pode ser feita a partir de sons fundamentais captados por dispositivos ubíquos, o que nos leva para uma possibilidade de criação que pode se caracterizar como uma criatividade musical cotidiana, ou seja, “os processos e os produtos criativos sonoros que ocorrem no dia-a-dia de músicos e leigos fora dos ambientes específicos projetados para o fazer musical” (SILVA; KELLER; SILVA; PIMENTA; LAZZARINI, p.65, 2013)

#### 4. Da paisagem sonora para a criatividade cotidiana

As paisagens sonoras também são estímulos para a criatividade e criações artísticas diversas, com destaque para as já citadas: composições musicais e produções audiovisuais. São elas atos intuitivos que surgem para que sejam realizados processos de criação, Fayga Ostrower afirma que

O que caracteriza os processos intuitivos e os torna expressivos é a qualidade nova da percepção. É a maneira pela qual a intuição se interliga com os processos de percepção e nessa interligação reformula os dados circunstanciais, do mundo externo e interno, a um novo grau de essencialidade estrutural, de dados circunstanciais tornam-se dados significativos. Ambas, intuição e percepção, são modos de conhecimento, vias de buscar certas ordenações e certos significados. Mas, ao notar as coisas, há um modo de captar que nem sempre vem ao consciente de forma direta. Ocorre numa espécie de introspecção que ultrapassa os níveis

---

<sup>9</sup> Folley é uma técnica utilizada no cinema, em que muitos dos sons do filme são compostos posteriormente, de acordo com a cena em questão, são passos, sons ambientes, portas abrindo e etc. um dos exemplos clássicos desta técnica é o filme, de 1979, “Track Stars.: The Unseen Heroes of Movie Sound1”, do diretor Terry Burke. Em que são mostrados no filme uma tela dividida, de um lado os atores em cena e do outro como foram feitos os sons em estúdio.

<sup>10</sup> Red Bull. Disponível em: < <https://goo.gl/X4R9A3>>. Acesso em 28 de junho de 2018.

<sup>11</sup> Método em que a marca se torna coadjuvante de um ato, ela aparece indiretamente em uma ação.

comuns de percepção, tanto assim que o intuir pode dar-se em nível pré-consciente ou subconsciente. (OSTROWER, 2010, p.57)

Uma das obras recentes de Thiago de Andrade Morandi é o filme “Voz dos Sinos” (2017), um curta metragem de nove minutos, que aborda a linguagem dos sinos e o ofício dos sineiros de São João del-Rei (MG), explorando os aspectos culturais e tradicionais presentes no ato, assim como os sinos enquanto instrumento musical. A constituição deste filme se deu inicialmente por meio de atos intuitivos provenientes das paisagens sonoras emitidas pelos sinos na cidade histórica, que tem a chancela de cidade onde os sinos falam.

Desde 2009, a linguagem dos sinos e o ofício dos sineiros são considerados patrimônio imaterial pelo IPHAN<sup>12</sup>. A tradição é proveniente da colonização portuguesa no Brasil e ainda resiste em algumas cidades, a maioria em Minas Gerais e com índice de maior preservação em São João del-Rei. Segundo DANGELO e BRASILEIRO (2013),

A tradição iniciada desde os primeiros tempos da colonização, ainda no transcorrer de todo o século XIX, o sino ainda constituiu-se a verdadeira gazeta popular das cidades brasileiras, dando notícias de caráter religioso e civil, estimulando orações, comunicando óbitos, festas religiosas e até mesmo o toque de recolher. (DANGELO; BRASILEIRO, 2013, p.40)

Desde a fundação de São João del-Rei, no século XVIII, os toques de sinos têm papel fundamental no diálogo comunicacional entre a igreja católica e a população. De acordo com DANGELO e BRASILEIRO (2013) existem na cidade cerca de “quarenta toques, todos muito bem definidos em sua forma sonora e nível de complexidade, não sendo permitido realizar toques diferentes dos já estabelecidos” (p.101). Porém, os sinos, por serem considerados elementos de uma linguagem, os seus toques sofrem alteração, assim como na língua falada. O principal motivo dessas alterações são as formas com que são tocados os toques atualmente, com mais rapidez, dobres, e de forma com que os timbres sejam mais altos em seu volume, fato este apontado e criticado por DANGELO, tanto no seu livro “Sentinelas Sonoras”, quanto em entrevista presente no filme “Voz dos Sinos”, ele diz que essa forma com que os sineiros realizam os toques prejudicam a vida útil dos sinos.

Sonoramente os sinos nos campanários são divididos da seguinte forma: o sino pequeno, o menor de todos tem som agudo e faz a marcação; o sino médio, conhecido como meio pelos sineiros, faz a transição de timbres, preenchendo os repiques e dialogando com o sino grande, que por sua vez é o mais grave e tradicionalmente é o principal sino da Irmandade<sup>13</sup> ao qual pertence. Somente em algumas torres de igrejas na cidade existem quatro sinos.

Para SCHAFER (2001) o som dos sinos é considerado o sinal sonoro mais significativo para a comunidade cristã, “o sino é um som centrípeto; atraí e une a comunidade num sentido social, do mesmo modo que une homem e Deus” (p.86), demonstrando assim, a influência das paisagens sonoras também nas relações que temos com o cotidiano e consequentemente com a fé.

Ainda sobre a origem das tradições dos sinos, inicialmente o ato de ser sineiro era atividade executada por escravos, na Bahia estes sineiros eram chamados de capoeiras, e

---

<sup>12</sup> Registro Imaterial do toque dos sinos em Minas Gerais. Disponível em: <<https://goo.gl/kRpUEy>>. Acesso em 28 de junho de 2018.

<sup>13</sup> Nas cidades históricas a igreja católica é formada por diversas irmandades religiosas, que realizam festividades, celebrações e tem papel importante na manutenção e preservação de tradições seculares. Em São João del-Rei ainda existem diversas destas instituições.

segundo os pesquisadores DANGELO e BRASILEIRO (2013) muitos escravos fugitivos se escondiam nas torres das igrejas, ainda segundo os pesquisadores “a estrutura dos toques de terreiro de candomblé e a dos campanários são bem parecidas, ou seja, três instrumentos que emitem uma só nota por repercussão, afinados em alturas e timbres diferentes e que variam na sua estrutura em agudo, médio e grave” (p.65). O que nos leva a crer que os primeiros toques herdados são provenientes de religiões de matriz africana.

Citando uma tradição oral de São João del-Rei, podemos comparar um dos toques da cidade, o “Senhora Morta” - que é feito em quatro sinos, na torre direita da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, sempre no dia da Assunção de Maria, em 14 de agosto de cada ano – aos sons executados pelas Orquestras da cidade. A oralidade nos diz que este toque foi composto por um ex-escravo conhecido como Francisco, que não podia tocar nas orquestras, mas que tinha vontade de executar obras musicais, portanto, se inspirou na música sacra e executou este toque, que não se tem registro de origem, mas que é considerado pelos sineiros um dos mais belos e difíceis de se executar. Este toque também está presente em um dos trechos do filme “Voz dos Sinos”, entre 7min e 7min40s. O “Senhora Morta” também pode ser visualizado em 360° no canal de filmes de Morandi no Youtube<sup>14</sup>.



**Figura 5. Um frame<sup>15</sup> do vídeo registrado em 360°, já convertido para que seja inserido no Youtube de forma que possibilite a sua visualização imersiva.**

Os sinos, portanto, são instrumentos musicais de uma paisagem sonora, que trazem para a cidade uma comunicação precisa para seus moradores e um espetáculo musical para os visitantes. Se para comunicação os sinos são mensagens informativas, para a paisagem sonora, eles trazem uma relação imagética com cada época do ano, cada festa, cada celebração. No entanto, os sinos passam parte do dia calado, sem compor a paisagem sonora da cidade. Nestas épocas de silêncio, os sinos são imagens dispostas na decoração da cidade, sinos calados que cantam na imaginação coletiva. E muito sobrevive na transmissão de conhecimento de forma oral ou por meio de registros ubíquos feitos com celulares pelos próprios sineiros nas torres.

A página no *Facebook* “Sineiros das Gerais” traz um pouco deste cotidiano das torres, uma página criada e mantida pelos próprios sineiros, em sua maior parte de São João del-Rei. A maioria das publicações em vídeo, por exemplo, são registros de toques em dias

---

<sup>14</sup> Toque Senhora Morta em 360°. Disponível em: <<https://youtu.be/7HVnyUfPCjo>>. Acesso em 28 de junho de 2018

<sup>15</sup> *Frame* é como se fosse uma foto retirada do vídeo, a cada segundo um vídeo tem em média 24 frames, ou seja, geralmente tem 24 fotos a cada segundo.



de festividades captados por smartphones, alguns incluem até transmissões ao vivo, uma das ferramentas disponibilizadas na rede social *facebook*. Outra rede utilizada pelos sineiros com esta finalidade é um grupo de *whatsapp*, composto atualmente (julho de 2018) por 66 membros, sendo a maioria sineiros, que discutem sobre os horários de toques, e se organizam em dias de festividades, funcionando para eles como um instrumento de comunicação ubíqua para transmissão de informações.

Um levantamento feito por meio de um questionário *google docs*, em meados de 2014/2015 foi levantado que a maior parte dos sineiros 55,6% têm somente Ensino Médio, são jovens e começaram a frequentar as torres ainda crianças, e consideram que os principais fatores para haver a preservação da linguagem dos sinos são: transmissão oral da tradição de geração para geração; registro audiovisual; curso para novos sineiros; e outros registros (texto, áudio, fotografia e etc). Portanto, mesmo sem se darem conta, os próprios sineiros têm registrado de forma ubíqua o cotidiano musical das torres das igrejas de São João del-Rei e compartilhado por meio das redes sociais, o que se torna na prática uma forma de preservação deste patrimônio imaterial e cultural.

## Considerações Finais

Neste breve estudo percebemos a influência com que os aparelhos ubíquos, no caso específico os celulares smartphones, tem mudado a forma com que lidamos diretamente com as paisagens e as informações. Hoje eles estreitam distâncias e formas de interação social. Apontamos um pouco da rápida evolução destes aparelhos e as possibilidades de registros de imagens fixas e imagens em movimento, esta última diretamente ligada às paisagens sonoras e como lidamos com elas, seja enquanto artista por um ato intuitivo ou pelo fato de difusão de uma informação e/ou tradição. Também apontamos a inserção da música ubíqua no cinema e produções audiovisuais e a importância que têm na construção narrativa de uma história.

Podemos perceber ainda, que a música ubíqua está muito presente no nosso cotidiano, abrindo espaço para novas discussões e possibilidades de análises, seja no campo da história da comunicação, na forma com que lidamos com as informações, nas criações artísticas, na percepção musical, nas relações sociais, dentre outras diversas possibilidades. Estes aparelhos ubíquos agem ainda, como instrumentos de uma criatividade musical cotidiana, que estão tão inseridos em nossa sociedade, que estamos constantemente criando sem nem ao menos nos darmos conta disso. São as caixas pretas de FLUSSER (1985) da atualidade.

Afinal “todo ato científico, artístico e político visa eternizar-se em imagem técnica, visa ser fotografado, filmado, videoteipado. Como a imagem técnica é a meta de todo ato, este deixa de ser histórico, passando a ser um ritual de magia” (FLUSSER, p.12, 1985), e desta forma também são os registros dos sons e suas paisagens de forma ubíqua.

## Referências bibliográficas

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

- BURKE, Terry. “Track Stars.: The Unseen Heroes of Movie Sound”. 1979. In: *Canal Doppelganger The Movie*. 2009. Disponível em: <<https://youtu.be/GyFH9t8JAuo>>. Acesso em 28 de junho de 2018.
- DALESSANDRI, Leonardo. “*Watchtower of Turkey*”. Turquia. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/z7yqtW4Isec>>. Acesso em 28 de junho de 2018.
- DANGELO, André Guilherme Dornelles; BRASILEIRO, Vanessa Borges. *Sentinelas Sonoras de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Estúdio 43- Artes e Projetos, 2013.
- DEGENERES, Ellen. “If only Bradley's arm was longer. Best photo ever”. *Twitter*. Disponível em: <<https://goo.gl/1NNyg6>>. Acesso em 03 de julho de 2018.
- FLUSSER, Vilém, *Filosofia da caixa preta* – São Paulo: Hucitec, 1985.
- MORANDI, Thiago de Andrade. *Toque Senhora Morta em 360º*. Documentário. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/7HVnyUfPCjo>>. Acesso em 28 de junho de 2018
- MORANDI, Thiago de Andrade. *Voz dos Sinos*. Documentário. 2017. Disponível em: <[https://youtu.be/JWkARHxYY\\_k](https://youtu.be/JWkARHxYY_k)>. Acesso em 28 de junho de 2018
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processo de criação*. 25 ed.- Petrópolis, Vozes, 2010.
- Portal Red Bull. Disponível em: <<https://www.redbull.com/int-en/the-making-of-the-sound-of-speed-eddie-masters-and-dave-mcmillan?wtk=YTRef>>. Acesso em 28 de junho de 2018.
- Portal The Guardian. “*Dan Chung's Olympic smartphone fotoblog*”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2012/jul/27/london-olympics-2012-smartphone?fb=native>>. Acesso em 27 de junho de 2018.
- SALAVERRÍA, R.; AVILÉS, J. A. G. Los medios de comunicación que vienen. In: SÁDABA, C.; GARCÍA AVILÉS, J. A.; MARTÍNEZ-COSTA, M. P. (Coords.) *Innovación y desarrollo de los cibermedios en España*, pp. 255-263. Pamplona: EUNSA, 2016a. In: SILVEIRA, Stefanie Carlan da. *Conteúdo jornalístico para smartphones: o formato da narrativa sistêmica no jornalismo ubíquo*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação –ECA/SP – São Paulo, 2017.
- SCHAFER, R.aymond Murray. “*The Vancouver Soundscape 1973*”. Vancouver (Canadá). 2013. Disponível em: <<https://soundcloud.com/nnealby/r-murray-schafer-entrance-to-the-harbour-the-vancouver-soundscape-1973>>. Acesso em 28 de junho de 2018.
- SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. – São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SILVA, F. P. KELLER, D. SILVA, E. F. PIMENTA, M. S. LAZZARINI, V. *Criatividade Musical Cotidiana: estudo exploratório de atividades musicais ubíquas*. *Revista Música Hodie*, Goiânia, V.13 - n.1, 2013.
- The Editors of Time. “100 Photographs: The Most Influential Images of All Time”. *Time Magazine*. 2016.
- Toque dos sinos em Minas Gerais. *Portal IPHAN*. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/kRpUEy>>. Acesso em 28 de junho de 2018.